OLHARES

■ MILENE MIGLIANO ■ MILENEMIGLIANO2@GMAIL.COM

DOUTORA EM ARQUITETURA E URBANISMO, JORNALISTA E INTEGRANTE DA ASSOCIAÇÃO FILMES QUINTAL

Olga Leiria / Divulgação

***Soneto à Xica da Silva Sincrética*, obra de Devarnier Hembadoom**

Olga Leiria / Divulgação

Processo criativo da pesquisa *Primavera Laranja e Branca*, de Pedro Salles, com um busto de acrílico e duas telas

Olga Leiria / Divulgação

***Série Moroo – Caimbé*, de Tainá Ribeiro Gonçalves: gestos questionam e recusam a violência contra as mulheres**

Elaborações e visibilidades

Galeria Cañizares realiza primeira edição de 2025 do Projeto Ocupação

Com exibição de trabalhos de oito artistas doutorandos vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV) da Ufba, a exposição Ato 1 – (co)existências esteve em cartaz de 27 de junho a 10 de julho na Galeria Cañizares, da Escola de Belas Artes (EBA), no Canela, com curadoria das professoras Inês Linke e Ludmila Pimentel. Para as curadoras, o conceito de (co)existência é expandido para além do humano, abrangendo relações com a natureza, os animais e o cosmos, em uma abordagem que interliga arte, pensamento e espaço compartilhado.

A exposição das obras de Ana Fraga, Ana Luisa Ribeiro, Anace Lima, Aylana Canto, Devarnier Hembadoom, Mar, Pedro Salles e Tainá Ribeiro abriu a edição 2025 do Projeto Ocupação, que proporciona que estudantes de mestrado ou doutorado exibam resultados e processos criativos em elaboração no PPGAV no espaço expositivo.

Antes mesmo de entrarmos na galeria, dois lambe-lambes aplicados no jardim da EBA prendem a atenção do público. As imagens são de Devarnier Hembadoom e fazem parte da criação do Coletivo AS - Arte Sincrética, mas também referência ao remédio AAS em uma crítica social à automedicação. "Um problema de saúde pública no Brasil e EUA com a crise do fentanil, de vício e mortandade" pontua o artista.

A proposição com a qual Devarnier trabalha desde seu mestrado, explora materiais diferenciados no processo artístico, inclusive imagens já produzidas. Na série apresentada na exposição, a obra *Soneto à Xica da Silva Sincrética*, se utiliza de café, catchup, mostarda e de uma fotografia da atriz e cantora Zezé Motta, além de um poema que se segue depois do título, compondo diferenciadamente a sua ficha técnica.

Outra narrativa

Ao seu lado, a obra *Constelações vistas do morro*, de Mar (Josemar Blures), parte de um objeto – a louça herdada após o falecimento da mãe do artista – "para pensar uma outra narrativa dessa história", enquanto memória social, uma construção imaginária possível. Inicialmente, inventou astros, que podemos assistir ao movimento da luz sobre eles, em um fotovídeo disponível em um tablet junto à ficha técnica.

Em sua pesquisa multilinguagem, assimila fotografias, vídeos, proposições esculturais, instalação e a escrita, que está exposta na obra e também em um texto impresso, ao lado da ficha técnica.

A louça, que era usada nas refeições comemorativas dos aniversários do artista e de seus seis irmãos, ao se tornarem estrelas em sua investigação se conectam aos astros vistos por outras pessoas que habitavam o mesmo morro que eles, mas também de outras periferias. Nesse sentido, Mar possibilita uma reverência às memórias imaginadas por famílias que lutaram e continuam a batalhar por suas existências vulnerabilizadas, inclusive pelo Estado, proporcionando modos de visibilidade e elaboração de um discurso conceitual sobre matéria e imagem.

A série fotográfica de Aylana Canto, artista paraense, é composta por quatro fotografias em preto e branco de um mesmo ambiente, a sala da casa de sua avó. Na primeira fotografia digital, vemos uma senhora em uma cadeira com as pernas esticadas sobre um banco à sua frente, com uma janela ao lado, da qual vemos uma escada em espiral: é *Matriarca*, 2018.

As três imagens que se seguem montam um enquadramento com as quatro janelas situadas em diferentes enquadramentos da sala. Na imagem ao lado da primeira está a cadeira de balanço vazia, com o enquadramento verticalizado, intitulada *Ausência (luto pela matriarca)*, 2023.

Abaixo, na foto da esquerda vemos a artista olhando para a frente, como sua avó e na imagem da direita, a artista fitando a câmera, ambas em formato horizontal, *Artista em luto (Casa_Matriarca)*, 2023.

Turbante de frutas

Na segunda sala da Galeria Cañizares ocupada pela exposição, a fotoperformance *A falsa baiana demonstra o que é que a baiana teeemmm*, da artista Ana Fraga, nos subleva do chão, com seis imagens que acompanham o amadurecimento de um turbante de frutas, como os de Carmem Miranda, instalado no rosto, que "a cada dia vai se desfazendo com fungos e micro-organismos".

A artista de São Félix, cidade do Recôncavo Baiano, intenciona questionar com a obra o estereótipo e a definição do que é/deve ser uma baiana, sendo que tantos modos de a ser existem por aí, inclusive no tempo, "da preocupação com a beleza, de estar sempre jovem".

As imagens têm um mesmo enquadramento da artista com o turbante, que veste um tomara que caia preto com os cabelos compridos ao lado. As frutas são banana e morango que vão se transformando em uma máscara escura e cada vez menor, se integrando a uma simbiose com a artista.

Em uma das duas paredes defronte estava outra obra de Ana Fraga, uma série de aquarelas de cadeiras trançadas de varal de plástico. Os fios trançados estão se desfazendo nas duas cadeiras vermelhas que têm como título *Espera I* e *Espera II*, e a última aquarela, com uma cadeira de varal verde, tem já seu trançado quase todo desmanchado: é a aquarela *Desistiu da espera*.

A série remonta ao tempo da pandemia e às mudanças de comportamento em sua cidade, quando foi preciso abandonar o hábito de passar o final da tarde defronte às residências em cadeiras como aquelas a ver a noite chegar.

Ainda nesta segunda sala, encontramos com uma mesa de pesquisa e processo da artista Anace Lima, repleta de imagens e informações sobre vulcões, tema que aborda desde que descobriu que há vestígios da existência de um dos vulcões mais antigos do mundo, entre os rios Tapajós e Jamanxin, próximo à divisa do Pará com o Amazonas.

Amazonense, Anace Lima dispôs em sua mesa de trabalho imagens, materialidades e o livro *Krakatoa*, de Verônica Stigger, misto de fabulação, invenção, relatos de observação e desejo que se alinham em textos curtos que têm elementos naturais como personagens, tratando da força e descontrole destas formas geológicas míticas, se alinhavando com a perspectiva curatorial das (co)existências.

Com suas telas de trabalho apresentadas na sala seguinte, a série *Fragmentos de lava* e a tela *Caminho de lava II* testam tons de vermelho, texturas, formas expressivas e saliências, proporcionando uma fruição estética imbuída de erotismo, umas das camadas que emergem de sua pesquisa e criação. A artista afirmou na entrevista no dia da abertura: "O erotismo feminino com uma associação ao desejo incontrolável é um dos aspectos do meu trabalho".

Também nesta terceira sala estavam as obras da artista Tainá Ribeiro Gonçalves, doutoranda na EBA e professora da Universidade Federal de Roraima, com o vídeo performance *Mooro sempre viva* e uma série de três fotografias, *Série Moroo – Caimbé*. "Mooro, em macuxi, significa 'aí nesse lugar' (tradução literal), utilizo esse termo para nomear os trabalhos que relaciono com o território", diz ela.

O território se compõe nas ambiências culturais, políticas e geográficas, mas também no corpo destas figuras encantadas que performam com máscaras e vestes, gestos que questionam e recusam a violência contra as mulheres e suas territorialidades.

Em *Mooro sempre viva*, a figura está em uma estrada no alto de um morro em Igatu (BA) – obra produzida na residência artística *Terra Organismo vivo, reexistências e resistências* – e ela segura uma peneira de coar ouro, na qual bate algumas pedrinhas e flores sempre vivas. Na face, uma máscara brilhante, que se mescla com o véu branco que cobre sua silhueta.

Em *Mooro Caimbé*, a máscara contém pedaços da casca da planta, que resiste ao fogo quando arde a floresta. A figura tem o pescoço apertado por si mesma, com braços vermelhos e uma roupa verde-escura, mata, planta. Tainá remonta/questiona com seu trabalho a violência contra a mulher, os feminicídios, a exploração dos territórios, o pensamento e violência colonial. Em sua mesa de trabalho, fontes cursivas nomeiam as obras expostas demonstrando processos de pesquisa com fotos, textos, materialidades vegetais e visuais.

Agrotóxicos

Na quarta e última sala, a instalação audiovisual *Solvente Universal*, da artista Ana Luisa Ribeiro, doutoranda na EBA e professora na Ufob, Universidade Federal do Oeste da Bahia, ocupa uma área considerável do chão com uma moldura de madeira repleta de soja, na qual são projetadas imagens em movimento do Rio Correntes, que banha Santa Maria da Vitória e que é o protagonista de sua investigação.

A água, com sua força e dádiva natural, vem sendo contaminada por agrotóxicos utilizados nos cultivos das grandes lavouras latifundiárias da região. As substâncias químicas e tóxicas que passaram a fazer parte do cotidiano e vida, do povo e terra dali, são narradas por uma voz eletrônica nos fones de ouvido; o texto as define, apresenta utilização e sintomas que apresentam em contato com humanos e outros seres animados.

Em sua mesa de trabalho estão algumas das reportagens inventariadas pela artista desde a internet e que apresentam as mazelas dos usos dos agrotóxicos no oeste da Bahia e Brasil. Pesquisas de imagens com desenhos, esboços e textos também compõem sua mesa de trabalho.

O artista Pedro Salles, fotógrafo e doutorando na EBA, apresenta uma parede do processo criativo da pesquisa foto-imagética *Primavera Laranja e Branca*, com um corset (busto de acrílico) e duas telas: "Elas são testes de impressão para apresentar o resultado de fotografar o busto com uma lente de grande ampliação". "As telas reúnem fragmentos que comporão um quadro que será exposto futuramente", conta o artista.

No corset estão fixadas flores e folhas de plantas do Brasil, que traz para a obra a discussão sobre como cada respiração, no processo de produção de fotografias ampliadas, pode alterar o que será captado. "Penso a fotografia como um exercício tátil, e a escultura como um exercício de projeção de luz por jogos de opacidade", afirma o artista.

As pesquisas, processos e obras que compuseram a exposição visibilizaram experiências e reflexões que emergem das pesquisas em contato do PPGAV. Espacialidades e territorialidades vivas, resistentes e dinâmicas, apreendidas e apresentadas nos trabalhos artísticos que estiveram ali expostos.

O CONTEÚDO ASSINADO E PUBLICADO NA COLUNA OLHARES NÃO EXPRESSA, NECESSARIAMENTE, A OPINIÃO DE A TARDE